

A PERSPECTIVA DA VIAGEM E DA IDENTIDADE DAS PROTAGONISTAS DE “A PEQUENA GOVERNANTA” E “VIAGEM A PETRÓPOLIS”

Maria Alice Sabaini de Souza¹

RESUMO: O presente artigo, de cunho bibliográfico, tem por objetivo comparar os contos “A pequena governanta” escrito por Katherine Mansfield e “Viagem a Petrópolis” da escritora Clarice Lispector, analisando como as viagens realizadas pelas protagonistas interferem na (re)constituição das identidades delas. Vale ressaltar a percepção de que, em ambos os contos, a viagem a que as protagonistas são submetidas se efetua tanto por meio de um deslocamento interior, quanto territorial, com o intuito de que essas personagens analisem e redefinam suas identidades e a condição delas no mundo em que vivem. Para a realização deste trabalho, utilizou-se como fundamentação teórica Bauman (2005), Cardoso (2002), Maffesoli (2001), Marques (2009), Peixoto (2002), Seixo (1999) entre outros

Palavras-chave: Viagens; Identidade; Contos; Autoria feminina.

THE PERSPECTIVE OF TRAVEL AND IDENTITY OF THE PROTAGONISTS OF “THE LITTLE GOVERNESS” AND “VIAGEM A PETRÓPOLIS”

ABSTRACT: This article, bibliographic in nature, compares the short stories “The Little Governess”, by Katherine Mansfield, and “Viagem a Petrópolis”, by Clarice Lispector, and analyzes how the trips made by the protagonists interfere in the (re)construction of their identities. It is worth mentioning the perception that the trip to which the protagonists are exposed is effectuated through an interior and territorial dislocation. Its intention is that of the characters’ assessment and redefinition of their identities as well as their condition in the world where they live. For that purpose, Bauman (2005), Cardoso (2002), Maffesoli (2001), Marques (2009), Peixoto (2002), and Seixo (1999) were used as the theoretical basis, among others

Keywords: Trips; Identities; Short stories; Female authorship.

Introdução

Os contos de Katherine Mansfield e Clarice Lispector apresentam uma linguagem voltada para a emoção e para o afeto de maneira a conceder ao texto um caráter intimista. Com base nesta proposição, o presente artigo visa comparar os contos “A pequena governanta” e “Viagem

¹ Doutora e professora do ensino superior, Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: marialiceprbr@gmail.com

a Petrópolis”, analisando como as viagens realizadas pelas protagonistas de cada um dos contos interferem na (re)constituição das identidades delas, uma vez que para Hall (1999) não há uma manutenção da identidade ao longo da vida do indivíduo seja ele fictício ou não. Assim, tal estudioso esclarece que: A identidade é definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 1999, p. 13).

Esta citação, além de propor a identidade como algo passível de mudança a partir dos momentos vivenciados por cada um, também considera que tal conceito não está vinculado e não pode ser constituído somente com base no âmbito biológico do ser que, de maneira geral, se conceitua como masculino ou feminino, atribuindo para cada um dos sexos determinados posicionamentos, comportamentos e papéis a serem desenvolvidos em determinada sociedade. Ao propor uma mutabilidade da identidade relacionada a vivência, Hall (1999) avança na definição de tal conceito e reconhece que o indivíduo pode assumir diferentes possibilidades identitárias de acordo com o momento histórico e a situação na qual este se encontra inserido.

Bauman (2005), por sua vez, constata que a identidade é decorrente da decisão de um eu que, pela autodeterminação, decide assumir por si mesmo diferentes maneiras de se comportar ou reagir perante algo com base em suas experiências. Deste modo, para ambos os estudiosos, a identidade é muito mais algo construído pelo ser do que algo adquirido em decorrência de uma hereditariedade ou de um posicionamento referente ao sexo que cada um possui. No entanto, é importante distinguir que a questão sexual está relacionada a composição biológica do ser e não ao gênero, uma vez que este tem a ver com os papéis desempenhados por um indivíduo a partir da identidade que este assume para si diante de determinada situação. A respeito da relação identidade e gênero Butler (2003) escreve:

A identidade de gênero pode ser concebida como uma história pessoal/cultural de significados recebidos, sujeitos a um conjunto de práticas imitativas que se referem lateralmente a outras imitações e que, em conjunto, constroem a ilusão de um eu de gênero primário e interno marcado pelo gênero, ou parodiam o mecanismo dessa construção (BUTLER, 2003, p. 197).

Com base neste fragmento, a autora nos apresenta duas perspectivas a respeito da identidade de gênero, a saber: ou ela pode buscar a reprodução através de práticas imitativas, ou pode ter a função de parodiar tais práticas, questionando-as e analisando-as por um viés mais

crítico. Tal criticidade é que possibilita novas perspectivas para a constituição da identidade, enquanto algo particularizado.

Outro ponto a ser discutido em relação a identidade de gênero é a questão do direito à fala e da manifestação tanto expressiva, quanto identitária sobretudo das personagens femininas em uma sociedade patriarcal, na qual cabe ao homem exercer uma relação de domínio sobre as atitudes, deslocamentos e expressividade da mulher com a qual habita ou com a qual interage:

Para ter assegurado o direito de falar, enquanto o outro é silenciado, o sujeito que fala se investe de um poder advindo do lugar que ocupa na sociedade, delimitado em função de sua classe, de sua raça e, entre outros referentes, de seu gênero, os quais o definem como o paradigma do discurso proferido. Historicamente, esse sujeito imbuído do direito de falar é de classe média-alta, branco, e pertencente ao sexo masculino (ZOLIN, 2009, p. 106).

Essas reflexões nos permitem reconhecer que tanto Katherine Mansfield como Clarice Lispector, por terem escrito em uma época em que o patriarcalismo imperava, produziram obras que hoje podem ser consideradas precursoras de uma nova perspectiva em relação ao gênero e a identidade, uma vez em suas produções literárias priorizam as personagens femininas, dando-lhes poder de expressividade e de análise a respeito de suas condições no mundo, bem como das constituições de suas identidades enquanto sujeitos sociais que não apenas reproduzem discursos e comportamentos atribuídos a elas por homens.

Contudo, nos contos analisados neste artigo, essa força identitária não advém abruptamente, mas sim de um processo no qual o deslocamento territorial favorece também a viagem interior, intimista e reveladora. Esse processo só é possível porque, ao viajarem, as protagonistas se deparam como o outro e, a partir do outro, podem enxergar a si próprias e as suas condições não somente social de subjugamento como também podem vislumbrar, ainda que timidamente, ações, falas e reflexões que as projetam como sujeitos de identidades em constante modificação e reconstituição. Sobre esse aspecto Seixo (1998, p. 24) comenta que “na viagem há a indagação da identidade, que o sentido de perda na articulação com as diferenças do outro veio acentuar”.

A viagem e a identidade nos contos

A personagem de Mansfield, a pequena governanta inglesa, viaja da França para Munique na intenção de trabalhar. Contudo, antes de embarcar ela recebe um conselho que a alerta a

respeito dos perigos com os quais poderia se deparar durante tal trajeto. A ingênua governanta se amedronta diante dos homens que encontra antes do embarque, porém o senhor que senta próximo a ela não lhe provoca nenhum temor, tanto que eles começam a conversar e ele insiste em lhe mostrar a cidade quando chegassem. Diante da aceitação da protagonista, eles passeiam por Munique e ele a leva para seu apartamento, onde tenta assediá-la antes que ela tome a atitude de fugir ao perceber as verdadeiras intenções do anfitrião.

No conto de Clarice Lispector, a protagonista é descrita como senhora que mora de favor em uma casa após ter perdido toda a sua família de maneira trágica. Entretanto, com o passar do tempo, os indivíduos que lhe garantem certa sobrevivência decidem que Dona Mocinha deixaria a cidade do Rio de Janeiro e passaria a morar em Petrópolis com outros parentes desta família que a acolheu inicialmente em sua casa. O trajeto da viagem é permeado por diálogos fúteis das pessoas que a levaram de carro e por memórias e reflexões da protagonista que se sente receosa com sua vida em uma nova cidade. Entretanto, conforme o percurso avança e o tempo passa, o narrador revela ao leitor a essência da protagonista e dos demais personagens, uma vez que ao chegar em Petrópolis, Dona Mocinha se percebe não acolhida na nova casa e abandonada por todos, vindo a falecer embaixo de uma árvore, após ser expulsa do lugar que deveria acolhe-la e depois de andar desorientada pela cidade de Petrópolis.

Nota-se que as protagonistas ao analisarem e avaliarem a sua existência e a sua condição no mundo realizam tanto uma viagem íntima como um deslocamento territorial, porém com propósitos diferentes. No caso do primeiro conto, a pequena governanta está realizando sua primeira viagem e apesar de insegura com tal situação, ela se sente ansiosa com a possibilidade de poder trabalhar. Já no segundo conto, a protagonista já havia vindo de Maranhão para o Rio de Janeiro e estava sendo levada, mesmo sem seu consentimento para Petrópolis, onde não seria acolhida.

Entretanto, o deslocamento territorial de ambas as personagens se refere a simbologia da viagem descrita por Chevalier (1998, p. 951) quando este atesta “O simbolismo da viagem, particularmente rico, resume-se, no entanto, na busca da verdade, da paz, da imortalidade, da procura e da descoberta de um centro espiritual” e acrescenta que “seria preciso concluir que a única viagem válida é a que o homem faz ao interior de si mesmo” (CHEVALIER, 1998, p. 252), tal como ocorre nos contos analisados neste artigo.

O primeiro conto já se inicia com a protagonista recebendo instruções acerca da primeira viagem que faria de trem. Sua provável mentora sugere que ela viaje durante a noite e que ocupe a cabine só para senhoras. Tal precaução deve-se ao fato de essa narrativa se passar no início

do século XX, época em que o patriarcalismo dominava e criava na mentalidade feminina a impressão de que as mulheres só estariam seguras se em companhia de outras mulheres ou de homens que pertencessem a sua família. No entanto esse não era o caso da protagonista que iria viajar sozinha.

É melhor você tomar o barco noturno e depois, no trem, viajar na cabine ‘só para senhoras’ [...]. “Bem, eu sempre digo às minhas meninas que, no início, é melhor desconfiar das pessoas do que confiar nelas, e é mais seguro suspeitar de má intenção das pessoas do que esperar delas boas intenções...Parece uma atitude um tanto dura, mas somos mulheres com o pé no chão, não somos? [...]”.
Tudo estava muito agradável na cabine das senhoras (MANSFIELD, 2000, p. 51-52)².

Este fragmento não demonstra apenas o cuidado da senhora com a pequena governanta, mas também a desconfiança desta em relação as pessoas, independente do sexo. No entanto, para a protagonista, o fato de ela estar em uma cabine só para mulheres já lh tranquiliza. Essa tentativa em obedecer a sua mentora demonstra, no entanto, que a pequena governanta estava com receio de que algum homem se aproximasse dela e lhe fizesse algum mal durante o trajeto. Esse receio é retratado já no primeiro contato que a protagonista tem como sexo oposto durante o trajeto.

Mas eu não quero um carregador!” Que homem horrível! “Não quero um carregador. Eu mesma levo a minha mala”. [...] “Ah, não! Vinte centavos! Você se enganou. Tome-os de volta. Eu quero um franco”. Tremendo de terror, ela encolheu-se, estendeu a mão gelada e pegou o dinheiro, fechando-o dentro da mão. “pois é tudo que vai ter disse ela” (MANSFIELD, 2000, p. 53-54).

Nesta citação, percebe-se certa possibilidade de afirmação da viajante da sua autonomia em relação ao outro, pois a personagem se nega a receber auxílio do carregador, se propondo a carregar sua própria bagagem, além de, ainda que timidamente, não concordar com o preço pedido pelo mesmo. Este episódio, apesar de acontecer antes que a viagem territorial se inicie de fato, já marca o início da introspecção da personagem no sentido de começar a perceber a viagem interna que faria concomitante ao seu trajeto para Munique que lhe revelaria sua força e a verdade sobre si mesma.

Antes de iniciar a viagem, novamente a personagem se encontra com um homem. Entretanto, neste momento, este passageiro, diferentemente do carregador, parece não a

² Neste artigo, será utilizada a tradução de Julieta Cupertino do conto “A pequena governanta” escrito por Katherine Mansfield.

incomodar por ser um velho e, não oferecer nenhum perigo aparente, mesmo diante do fato de ele ter se sentado em uma cabine que era só para mulheres e de ter permanecido nela, ainda que a protagonista o tenha alertado sobre tal equívoco.

Essa permanência do senhor em uma cabine inapropriada demonstra a ingenuidade da personagem e indicia a verdadeira intenção do velho que a seduz sem que ela perceba, já que inicialmente tenta agradá-la oferecendo um jornal para que ela possa se distrair, enquanto ele observa sua beleza.

[...] ela sentiu-se deveras alegre de ter aquele velho no mesmo carro. [...] – aquele velho tinha faces tão rosadas e o bigode tão branco. [...] “Então talvez a senhorita gostasse de ver alguns jornais ilustrados,” disse o velho, curvando-se com graça. “Muito obrigada”. Com que simpatia o velho a observava do seu lugar. [...]. Nem mesmo as roupas feias e escuras conseguiam disfarçar sua beleza suave (MANSFIELD, 2000, p. 57).

A maneira supostamente gentil com a qual o velho lhe trata faz com que a protagonista abandone gradativamente sua insegurança em relação aos homens e comece a confiar nele a ponto de contar-lhe que era a primeira vez que ela viajava para fora de seu país. Essa espécie de confiança é significativa, pois demonstra uma maior proximidade e intimidade entre eles. Esses sentimentos se tornam evidentes quando ela aceita os morangos que ele lhe oferece, reconhecendo nele um avô perfeito, enquanto este se oferece para lhe mostrar Munique tão logo o trem chegasse ao seu destino.

“Se a senhorita me der a honra de aceitar...” “O quê! Para mim?” Mas ela afastou-se e fez um gesto de defesa, como se ele estivesse prestes a colocar em seu colo um gatinho selvagem.

“Ah, muitíssimo obrigada” - ela gaguejou. [...] Os morangos eram tão grandes que ela tinha que comê-los em dois bocados e o suco escorria-lhe por entre os dedos. E foi ao mastigá-lo que ela pensou no velho como um avô pela primeira vez. Que avô perfeito seria! (MANSFIELD, 2000, p. 61).

Neste excerto, nota-se que em algumas ocasiões a protagonista parece ter breves momentos em que seu instinto de defesa aflora e a consciência de um provável perigo a aflige, no entanto, esses momentos são como lampejos passageiros e ela volta a sua ingenuidade e come morangos perto do velho. Esse episódio é descrito pelo narrador insinuando certo erotismo pelo prazer com que a pequena governanta degusta as frutas. Esse contentamento se estende para o momento em que, já em Munique, o velho transita com ela pelas ruas lhe oferecendo tudo que ela quiser, inclusive sorvete que novamente é sorvido com prazer pela

personagem, denotando certo erotismo pela forma como o narrador descreve as longas lambidas que a protagonista dava por baixo do sorvete. Todos esses comportamentos são observados pelo velho com certo desejo de possuí-la para si:

Ela queria correr, queria pendurar-se nos braços dele, queria gritar a todo minuto: “Ah, como estou espantosamente feliz!” Ele a guiava pelas ruas, ficava quieto enquanto ela “olhava”, e seus olhos gentis sorriam para ela e ele dizia “tudo o que você quiser” [...] “E estará. Depois do sorvete, eu a porei num carro e você poderá chegar lá sem problemas”. Ela estava de novo feliz. O sorvete de chocolate derretia-se e ela o apanhava por baixo em longas lambidas (MANSFIELD, 2000, p. 64).

Após o passeio pelas ruas da cidade, nas quais ela parece se sentir livre e protegida pela presença do velho, este a convida para conhecer a casa dele. Neste momento, porém, ela se recorda de suas responsabilidades, pois ela precisava retornar para o hotel onde alguém a estaria esperando para conduzi-la rumo ao seu novo emprego. Esse pensamento a relembra do real motivo de sua viagem e a retira desse muito de divertimento e inocência de sua parte para projetá-la em um mundo de responsabilidades e de maturidade. Essa projeção permite reconhecer um despertar de sua identidade pueril e descomprometida para uma mais madura e autônoma que ela deveria assumir a partir de então, lá que passaria a responder por seus atos, palavras e pelos rumos que sua vida tomaria a partir do momento que se separasse daquele senhor aparentemente simpático.

Contudo, ao adentrar o apartamento do velho algo acontece que modifica totalmente a perspectiva da protagonista em relação as pessoas, sobretudo aquelas que aparentemente parecem oferecer-lhe ajuda despretensiosa e ela pode perceber o quando alguns podem ser oportunistas e dissimulados para adquirirem o que desejam. Ela, finalmente, percebe que todas as atitudes do velho tinham o propósito de seduzi-la e fazer com que ela confiasse nele a ponto de não perceber seu verdadeiro intento. Ele não queria somente seduzi-la, mas sim desejava assediá-la sexualmente e, por isso a havia trazido até o lar dele, mediante diversas manobras premeditadas de sedução que ela, ingênua e encantada pelo suposto avô não era capaz de perceber até o momento em que ele tenta beijá-la a força.

Era um sonho! Não podia ser verdade! Aquele não era o mesmo velho, em absoluto! Que coisa horrível! A pequena governanta o encarava, horrorizada. “Não, não, não!” – ela balbuciava lutando para se soltar das mãos dele. “Um beijinho. Um simples beijo, não custa nada. Apenas um beijo, querida *Fraulien*.”

“Nunca, nunca! Como o senhor pode fazer isso?” Ela deu um salto, mas ele foi muito esperto, e prensou-a contra a parede, apertando-a com seu rígido corpo de velho e seus joelhos trêmulos e, embora ela movesse sem parar a cabeça de um lado para o outro, desesperada, ele beijou-a na boca. Ela correu, correu, descendo pela rua, até encontrar uma avenida ampla com linhas de bonde, [...] (MANSFIELD, 2000, p. 67).

Este é o momento em que a máscara do velho se desfaz e a protagonista pode ver quem ele era de fato e quais eram suas reais intenções desde o início. Esse processo de revelação por parte do senhor, possibilita que a protagonista reconstitua sua identidade de uma mulher dependente, insegura, desprotegida, inocente e sem malícia, assumindo, diante da circunstância que colocava em risco sua dignidade, uma nova postura identitária consolidada pela necessidade de ser forte, determinada, ousada, independente, madura e responsável por sua vida e por seu destino.

Ela se torna dona de si e a confiança em si mesma como sujeito permite que ela tenha força e consciência de que ela precisava libertar-se daquele que tanto mal lhe fizera tirando-lhe a confiança na bondade das pessoas e fazendo-a despertar para um novo posicionamento diante da vida e de quem ela era capaz de se tornar. Deste modo, esta viagem de trem e o passeio por Munique, permitem que a pequena governanta questione, reflita e se posicione diante do outro, quando este lhe oferecer perigo. Tais percursos, mais que espaços percorridos, possibilitam aprendizados por meio de vivências que encorajam a protagonista quando a mesma se sente amedrontada ou violada.

Vale ressaltar que a autonomia e a força da personagem se consumam em um espaço fechado, ou seja, dentro da casa do velho. Esse dado é interessante porque em uma sociedade patriarcal o lugar destinado à mulher é a casa em decorrência do trabalho atribuído a ela, enquanto dona do lar. Nesse sentido, o espaço destinado a ela enquanto mulher era uma cabine de trem na qual ela havia viajado, o quarto do hotel no qual deveria esperar até que viessem buscá-la, evidenciando sobretudo, no caso da cabine do trem um espaço de trânsito não só de um lugar para outro, como também de uma postura comportamental para outra mais consciente de sua e da sua natureza dúbia.

No segundo conto, “Viagem a Petrópolis”, presente na coletânea clariciana *Legião Estrangeira* publicada em 1964, também há a presença da viagem e a errância da protagonista Dona Mocinha, uma vez que a vida desta senhora é marcada por alguns deslocamentos territoriais, já que a mesma viera do Maranhão com uma senhora que a internaria em um asilo no Rio. No entanto, como sua acompanhante viajou para Minas, Dona Mocinha permaneceu no

Rio com algum dinheiro doado e passou a morar com uma generosa família que decidiu acolhê-la, por um tempo, mas agora quer manda-la para Petrópolis. Percebe-se que a vida desta personagem é marcada por várias viagens, decorrentes ora da perda de seus familiares, ora do abandono daqueles que a acolhe por um determinado tempo, conforme se observa no fragmento abaixo:

Mocinha nascera no Maranhão, onde sempre vivera. Viera para o Rio não há muito, com uma senhora muito boa que pretendia interná-la num asilo, mas depois não pudera ser: a senhora viajara para Minas e dera algum dinheiro para Mocinha se arrumar no Rio. E a velha passeava para ficar conhecendo a cidade. Bastava aliás uma pessoa sentar-se num banco de uma praça e já via o Rio de Janeiro. Sua vida corria assim sem atropelos, quando a família da casa de Botafogo um dia surpreendeu-se de tê-la em casa há tanto tempo, e achou que assim também era demais (LISPECTOR, 2016, p. 317)

Com base nesta citação, nota-se que a temática da viagem se apresenta como “o símbolo de uma busca sem fim” por um lugar onde a protagonista possa repousar e viver sua velhice de forma não solitária. No entanto, não por desejo da personagem, mas por desgaste das relações com que a acolhe, a narrativa revela que “a fronteira é sempre adiada, a fim de que essa aventura possa prosseguir” (MAFFESOLI, 2001, p. 42). Contudo, a continuação da aventura não é um anseio da personagem, mas sim algo que lhe é imposto quanto leva-se em consideração o deslocamento territorial.

Porém, quando a viagem ocorre a partir de um aprofundamento de Dona Mocinha em seus pensamentos e lembranças, vislumbra-se, por meio da perspectiva da protagonista, a necessidade de um adiamento da fronteira que separa a realidade do imaginário e o prolongamento desta aventura que transita entre o real vivido e o imaginário rememorado, ou seja, para que haja uma desvinculação da personagem em relação ao espaço em que esta se encontra, a mesma pode realizar “viagens imóveis, de gente que não se mexe. Pois não consiste em chegar a um lugar, mas estar no meio, em ficar no mesmo lugar como se estivesse na estrada, num outro lugar” (PEIXOTO, 1987, p. 86). Esta perspectiva existencialista do trajeto introspectivo da protagonista se evidencia neste fragmento:

Quando, pois, o filho da casa foi com a namorada e as duas irmãs passar um fim-de semana em Petrópolis, levou a velha no carro. Por que Mocinha não dormiu na noite anterior? À ideia de uma viagem, no corpo endurecido o coração se desenferrujava todo seco e descompassado, como se ela tivesse engolido uma pílula grande sem água. Em certos momentos nem podia

respirar. Passou a noite falando, às vezes alto. A excitação do passeio prometido e a mudança de vida, de repente aclaravam-lhe algumas ideias. Lembrou-se de coisas que dias antes juraria nunca terem existido. A começar pelo filho atropelado, morto debaixo de um bonde no Maranhão — se ele tivesse vivido no tráfego do Rio de Janeiro, aí mesmo é que morria atropelado. Lembrou-se dos cabelos do filho, das roupas dele. Lembrou-se da xícara que Maria Rosa quebrara e de como ela gritara com Maria Rosa. Se soubesse que a filha morreria de parto, é claro que não precisaria gritar. E lembrou-se do marido (LISPECTOR, 2016, p. 318).

Esta citação se inicia com a viagem que levaria Mocinha para Petrópolis. Contudo, as frases que se seguem projetam o leitor para o pensamento da protagonista, suas expectativas e as lembranças de seu passado marcada por inúmeras perdas, ou seja, vivencia-se a ruptura da demarcação temporal por meio da revisitação as memórias que enfatizam a dramaticidade do texto, uma vez que além de não ser mais aceita na casa em que vivia, a protagonista revive, na noite que antecede a viagem todas as ausências que passara até aquele momento em que estava prestes a ficar sem um abrigo. Vale ressaltar que esta memorização se aproxima da maneira como Bergson (*apud* Marques, 2006) conceitua a memória:

Bergson supõe uma memória, mas uma memória muito diferente da que temos da experiência cotidiana. Trata-se de uma memória interna no transcorrer das vivências internas, que por isto, não justapõe o antes e o depois como um ponto e outro; ao contrário, os prolonga um no outro, organizando-os indivisivelmente (MARQUES, 2006, p. 27).

A narrativa desenvolve-se com a aproximação da protagonista do veículo que a transportaria para Petrópolis. Este é um momento de contentamento de Dona Mocinha, que ao entrar no carro não interage com nenhum dos acompanhantes, apenas sorri diante da mudança de cidade. Porém, este contentamento só permanece até o início do trajeto quando uma angústia parece tomar conta de seu peito e o motorista a proíbe de enjoar durante o percurso, chamando-a de vovó O uso deste substantivo que, usualmente, indica familiaridade e relação afetuosa, torna-se um chamamento pejorativo, no sentido em que, de certo modo a ridiculariza e a constringe perante as moças que viajariam com ela e o motorista.

Quando enfim se aproximou do automóvel, o rapaz e as moças se surpreenderam com seu ar alegre e com os passos rápidos. "Tem mais saúde do que eu!", brincou o rapaz. À moça da casa ocorreu: "E eu que até tinha pena dela". Mocinha sentou-se junto da janela do carro, um pouco apertada pelas duas irmãs acomodadas no mesmo banco. Nada dizia, sorria. Mas quando o automóvel deu a primeira arrancada, jogando-a para trás, sentiu dor no peito. Não era só por alegria, era um dilaceramento. O rapaz virou-se para

trás: — Não vá enjoar, vovó! As moças riram, principalmente a que se sentara na frente, a que de vez em quando encostava a cabeça no ombro do rapaz. Por cortesia, a velha quis responder, mas não pôde. Quis sorrir, não conseguiu (LISPECTOR, 2016, p. 319).

Outro aspecto perceptível nesta citação é a vontade de se expressar e interagir com os demais, seja através da fala ou de qualquer forma de expressão como, no caso, o sorriso. Estas tentativas frustradas de interação reforça a impossibilidade de se manifestar ainda que o desejo existisse. O silenciamento a que esta personagem idosa foi submetida durante o trajeto pelos mais jovens, evidencia o choque de gerações e a desvalorização dos mais velhos e de seu direito a expressar-se, ou seja, há uma ânsia apagada nesta identidade, tantas vezes, rejeitada pelos demais personagens. Assim, este deslocamento demográfico revela não só o aniquilamento imposto da manifestação identitária da protagonista, como também revela que:

A errância desse ponto de vista, seria a expressão de uma outra relação com o outro e com o mundo, menos ofensiva, mais carinhosa, um tanto lúdica, e seguramente trágica, repousando sobre a intuição da impermanência das coisas e de seus relacionamentos (MAFFESOLI, 2001, p. 29).

Assim, Dona Mocinha vivencia a errância em sua maneira mais trágica, já que as possibilidades de interação como outro são frequentemente tolhidas ou pela ausência deste em decorrência da morte, ou pelo desinteresse demonstrado pelos que a cercam. Diante deste cenário marcado pela efemeridade dos vínculos afetivos e pela transitoriedade em relação ao seu lar, torna-se mais difícil estabelecer relacionamentos duradouros, como demonstrado neste trecho:

Foi quando Mocinha começou finalmente a não entender. Que fazia ela no carro? como conhecera seu marido e aonde? como é que a mãe de Maria Rosa e Rafael, a própria mãe deles, estava no automóvel com aquela gente? Logo depois acostumou-se de novo. O rapaz disse para as irmãs: — Acho melhor não pararmos defronte, para evitar histórias. Ela salta do carro, a gente ensina aonde é, ela vai sozinha e dá o recado de que é para ficar (LISPECTOR, 2016, p. 320).

Este trecho apresenta a errância introspectiva da protagonista marcada por seus questionamentos, para os quais, tragicamente, não há respostas, ou seja, estas reflexões se desdobrariam em tantas outras de maneira intermináveis. Entretanto, percebe-se, que

paradoxalmente, é no momento em que Dona Mocinha deixa de entender o que acontecia ao seu redor que ela inicia um processo inverso de busca do entendimento a respeito de questões que a envolve. Estas reflexões também são abandonadas no momento em que ela volta a se concentrar na viagem e se acostuma com o fato de não encontrar respostas para suas indagações.

A partir deste momento, o texto abandona o foco nas inquietações de dona Mocinha e apresenta a proposta do condutor de que ele e as moças que o acompanhavam abandonasse a protagonista em frente a casa, na qual eventualmente, ela passaria a morar com uma mulher alemã e seu marido que ainda não haviam sido avisados a respeito do fato de terem que hospedar Dona Mocinha por um tempo indeterminado, ou seja, há fortes indícios de que eles não se importavam com o futuro e a sobrevivência protagonista e queriam apenas livrar-se daquela senhora que os irritava com sua presença invisível.

Ao chegar na casa indicada, Dona Mocinha é recebida de maneira hostil pela anfitriã, já que esta não interage com ela, parece duvidar de que ela tivesse realmente sido enviada para ficar em sua casa, não lhe oferece ao menos um café, cujo cheiro pairava no ar, examina-a, algumas vezes, sem dizer nada e ainda, pede que a senhora permaneça sentada até que o marido chegue para que decidam o que farão, enquanto isso, a dona da casa iria tomar café e alimentar o filho.

Ao olhar para a casa e observar a movimentação do local, Dona Mocinha, enquanto aguarda o veredito sobre seu futuro, permanece calada, pensando em como gostaria de tomar um gole de café e cuidar do filho do casal. Este momento da narrativa é marcado pela significância do olhar que “perscruta e investiga, indaga a partir e para além do visto, e parece originar-se sempre da necessidade de ‘ver de novo’ (ou ver o novo), como intento de “olhar bem” (CARDOSO, 2002, p. 348-349).

Quando o marido chega ele decide que Dona Mocinha não poderia permanecer em sua casa e deveria voltar para o Rio. Para essa nova viagem de retorno ele lhe ofereceria o dinheiro, a fim de que ela chegasse ao seu destino, ou seja, novamente, a protagonista se vê obrigada a viajar porque aparentemente não tem utilidade por conta de sua idade. Entretanto, mesmo assim, ela agradece e, após sair da casa e lembrar-se de todas as perdas que vivera decide ir passear.

Diante do sorriso malicioso da velha, ele se impacientou: — E agora estou muito ocupado! Eu lhe dou dinheiro e você toma o trem para o Rio, ouviu? volta para a casa de minha mãe, chega lá e diz: casa de Arnaldo não é asilo, viu? aqui não tem lugar. Diz assim: casa de Arnaldo não é asilo não, viu! Mocinha pegou no dinheiro e dirigiu-se à porta. Quando Arnaldo já ia se sentar para comer, Mocinha reapareceu: — Obrigada, Deus lhe ajude. Na rua, de

novo pensou em Maria Rosa, Rafael, o marido. Não sentia a menor saudade. Mas lembrava-se. Dirigiu-se para a estrada, afastando-se cada vez mais da estação. Sorriu como se pregasse uma peça a alguém: em vez de voltar logo, ia antes passear um pouco (LISPECTOR, 2016, p. 323).

Seu passeio, no entanto, estabelece relação com o trajeto que fizera em sua vinda para Petrópolis, no qual “A viagem foi muito bonita. As moças estavam contentes, Mocinha agora já recomeçara a sorrir. E, embora o coração batesse muito, tudo estava melhor” (LISPECTOR, 2016, p. 320). O mesmo encantamento acontece quando, andando pela cidade, a protagonista observa que “A estrada era mais bonita que o Rio de Janeiro, e subia muito. Mocinha sentou-se numa pedra que havia junto de uma árvore, para poder apreciar” (LISPECTOR, 2016, p. 324) e, ao se encostar nesta árvore, realizar sua viagem rumo a eternidade.

Considerações finais

É interessante observar que nos dois contos nota-se uma reconstrução das identidades das personagens femininas, em virtude de um deslocamento geográfico que ora faz com que elas convivam com o perigo do assédio, no primeiro conto, e ora faz, no caso do segundo conto, com que a protagonista possa perceber o aniquilamento gradativo de sua identidade a partir do outro, pois Dona Mocinha, apesar de desejar se expressar verbalmente nunca consegue. Além disso, o seu nome de batismo Margarida é substituído por Dona Mocinha, que ironicamente se opõe a sua idade e a fragilidade de seu corpo.

Já no primeiro conto nota-se uma oscilação da identidade, inicialmente, marcada pela sua insegurança em relação aos homens que se oferecem para carregar sua bagagem, reagindo rispidamente com eles, para depois se tornar totalmente segura diante do senhor que a acompanha no trajeto. Por fim, ao perceber a tentativa de assédio sua identidade se altera pela necessidade de se defender de tal ato e assumir, a partir de então sua condição de sujeito.

Em relação as viagens que ambas realizam evidencia-se que o deslocamento territorial possibilitou as personagens femininas uma reflexão sobre suas existências, a respeito da ressignificação de si e da importância de serem livres, ou seja, na medida em que viajam de um lugar a outro, elas também realizam uma viagem introspectiva e íntima, na qual ora revisitam suas memórias e lembranças, ora se defrontam com seus próprios medos e com a necessidade de enfrentá-los para que possam viver plenamente ou morrerem em paz.

Referências

- BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARDOSO, Sérgio. “O olhar viajante (do etnólogo)”. *In*: NOVAES, Adauto (org.). **O olhar**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002. p. 347-360.
- CHEVALIER, Jean. Viagem. *In*: CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). 12 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- LISPECTOR, C. **Todos os contos**. (Org.) Benjamim Moser. 1 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.
- MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MANSFIELD, K. **Felicidade e outros contos**. Trad. J. Cupertino. Rio de Janeiro: 2000.
- MARQUES, S. (Org.). **Henri Bergson**: crítica do negativo e pensamento em duração. São Paulo: Alameda, 2009.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. “O olhar do estrangeiro”. *In*: NOVAES, Adauto (org.). **O olhar**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2002. p. 361-365.
- SEIXO, M. A. Poéticas da viagem na literatura. *In*: SEIXO, M. A. **Poéticas da viagem na literatura**. Lisboa: Edições Cosmos, 1998, p. 11-40.
- ZOLIN, Lúcia. A literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pós-modernidade. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 105 - 116, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2009/10/a-literatura-de-autoria-feminina.pdf>. Acessado em: 01/02/22.